

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

GABRIELA PEREIRA ALVES

**O reino vegetal como um instrumento de entendimento do ser: uma análise do
pertencimento e da transformação através de poemas de Cora Coralina**

MONOGRAFIA

Brasília

2022

GABRIELA PEREIRA ALVES

O reino vegetal como um instrumento de entendimento do ser: uma análise do
pertencimento e da transformação através de poemas de Cora Coralina

Curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de graduação em Letras – Língua
Portuguesa e Respectiva Literatura, da
Universidade de Brasília, para a obtenção do grau
de licenciada em Letras.

Orientadora: Fabricia Walace Rodrigues

Brasília

2022

Aos meus pais, meus irmãos e meus avós:
semente, raiz, fruto e flor em minha vida.

Agradecimentos

A Deus e à Mãe Santíssima, pela vida, pela saúde, pelo amor que cresce em mim. A quem recorri em tantos momentos pedindo por inspiração e clareza.

Aos meus avós Rosa, Manoel e Néa, com quem tenho a alegria de conviver e aprender. E à preciosa memória do meu avô Faustino.

Ao meu pai e à minha mãe. Gilson, meu alicerce. Que esteve comigo no dia em que fiz minha matrícula na Universidade de Brasília. Fabiana, meu bálsamo. Que, em tantas tardes com café à mesa, me ouviu falar dos poemas de Cora Coralina. As raízes da flor que sou hoje.

Aos meus irmãos amados, Vítor e Leonardo, pelo carinho, a compreensão e as tantas risadas. Vítor, grata por ter me dado o impulso necessário para iniciar essa monografia; sua confiança me fortalece. Leonardo, grata pela renovação que você traz à minha vida.

Ao Davi, por me ouvir falar por tanto tempo sobre Cora Coralina e, ainda por cima, contribuir tanto para minhas análises. Leu poemas junto comigo, compreendeu o que eu queria dizer, se empolgou tanto quanto eu. Grata por florir minha vida.

À minha tia Albertina, por ser tão inspiradora em suas vitórias e conquistas. E também às minhas primas amadas, nascidas dela, Manuela, Mariana e Mariah. Manuela, que já tem idade para entender a grandeza deste momento, fez mais parte deste trabalho do que imagina.

Ao Luiz Cláudio e à Luciana, que me presentearam com meu primeiro livro da Cora, *Vintém de cobre*. A vocês, que adoçam minha vida, minha imensurável gratidão.

À Kelly, que me auxiliou a enxergar as asas que eu não sabia possuir e que me inspirou com as palavras que ouviu da própria Cora Coralina, na infância.

À minha admirável orientadora, Fabricia Wallace. Fui cativada pela inteligência e a sensibilidade de suas análises literárias. Que alegria imensa aprender com você!

Às pérolas que conheci nesse caminho universitário, em especial à Ester, à Rute e ao Consulado dos Filólogos: Renata, Joana, Lucas, Dayse e Gabriel — Latim e Filologia Românica foram mais fáceis e leves com vocês. E à Catarina, que conheci quando entrei na UnB, ainda no curso de História. Grata por terem tornado essa jornada mais prazerosa.

Ao Lucas Negrão e ao Jonas Rocha, amigos desde o Ensino Médio, que me auxiliaram de tantas formas e que me encorajaram a pedir a transferência para o curso de Letras.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, colaboraram com minha graduação e a realização deste trabalho. Todos foram igualmente importantes.

E, como esse espaço me permite, agradeço a mim mesma. Por ter persistido, perseverado e esperançado. Hoje, sinto-me feliz pelas escolhas que me trouxeram até aqui.

“O jardim é um vínculo concreto com a vida e a morte.”

(Clarissa Pinkola Estés)

*“Vengo desde siglos, traigo voces y señales
Que salen del fondo de la tierra por mi voz.”*

(Canção de Paz Martinez interpretada por
Mercedes Sosa)

*“Nem tudo que escrevo resulta numa realização,
resulta numa tentativa. O que também é um
prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às
vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às
vezes floresce e os outros podem pegar com as
duas mãos.”*

(Clarice Lispector)

Resumo

Os estudos acerca do meio ambiente e do reino vegetal estão, cada vez mais, em voga. Desenvolvemos este trabalho com o objetivo de contribuir com os estudos literários a respeito das plantas e com as análises da obra de Cora Coralina, por acreditar que ainda há muito a ser explorado na ampla rede de relações existentes em todas as formas de vida no planeta. Este trabalho conta com reflexões de bases ontológicas e poéticas, sendo feito o uso da escrita ensaística que nos é facultada em trabalhos dessa natureza. Assim, visando à ampliação das tantas compreensões e interpretações referentes aos poemas de Cora Coralina, desenvolvemos um estudo pela perspectiva do pertencimento e da transformação, demonstrando que todas as formas de vida estão interligadas e que o reino vegetal contribui grandiosamente para a compreensão do que é a terra — enquanto berço do plantio e do cultivo — e do que significa existir.

Palavras-chave: Cora Coralina; literatura brasileira; pertencimento; transformação; reino vegetal.

Abstract

Studies about the environment and the plant kingdom are increasing frequently. This work was developed due to the aim of contributing to the literary studies about plants in general and the analysis of Cora Coralina's poetic work, since it's believed there is still much to be explored in the vast network of relationships that exist between all forms of life on the planet. This work is based on ontological and poetical reflections, which were described using a more fluid writing, which is provided to us in this type of work. Therefore, aiming at expanding the many understandings and interpretations regarding Cora Coralina's poems, this work is developed through the perspective of belonging and transformation, making possible to realize that all forms of life are connected and that the plant kingdom contributes greatly to the understanding of what land — as a place to plant and cultivate — is and what it means to exist.

Key words: Cora Coralina; Brazilian literature; belonging; transformation; plant kingdom.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Pertencimento.....	10
3. Interlúdio: uma análise de “O cântico da terra”.....	15
4. Transformação.....	21
5. Considerações finais.....	27
6. Referências.....	29

1. Introdução

Os poemas de Cora Coralina abrem diversas portas para nos fazer refletir sobre como a terra e o reino vegetal dialogam com o ser humano, atuando como um meio para compreender aquilo que nos constitui essencialmente. Dentre as temáticas abordadas pela poeta, destacamos duas como fio condutor para entender a conexão estabelecida entre a terra, as plantas e o ser humano: o pertencimento e a transformação.

Neste trabalho, colocamos as plantas sob uma nova perspectiva, que busca analisá-las dentro da produção poética e enquanto seres que compõem este mundo desde sua formação. Muito negligenciado na cultura ocidental, os reinos mineral e vegetal são a base de toda a vida neste planeta e antecedem a existência animal, fazendo parte do princípio dessa longa cadeia evolutiva em que hoje nos encontramos.

Nosso objetivo é demonstrar como todas as formas de vida na Terra estão intrinsecamente ligadas, partindo das plantas. Além disso, pretendemos evidenciar os aspectos ontológicos presentes em alguns trechos dos poemas coralíneos, utilizando o filósofo italiano Emanuele Coccia como referência. Assim, sempre a partir da perspectiva do pertencimento e da transformação, iremos pontuar a conexão entre as formas de vida desde sua origem até seu fim.

Como, entretanto, trata-se de um trabalho literário, nosso foco é encontrar as temáticas vegetais dentro dos formatos estéticos e poéticos de alguns poemas selecionados de Cora Coralina — alguns foram reproduzidos na íntegra, mas a maior parte do material que selecionamos é composta por recortes. Para essa seleção, foram considerados os poemas que tratam diretamente do reino vegetal e, dentro deles, elencamos apenas os que se relacionam com mais clareza com a maneira como as plantas e os demais seres estão interligados tanto pelo germe vital quanto pelo retorno à terra. Devido à temática e à área a que este trabalho pertence, optamos por fazer uso de uma escrita ensaística, preservando a fluidez.

Além dos poemas, utilizamos uma bibliografia de apoio que vem de uma série de estudos acerca do reino vegetal e de como sua existência se conecta com o mineral e o animal, em especial com o animal, onde o ser humano está localizado. Para isso, pautamo-nos essencialmente nos filósofos e ensaístas Emanuele Coccia e Evando Nascimento, que, embora divergentes quanto à natureza da vida vegetal — se ontológica, se independente —, convergem para um ponto fundamental: a valorização das plantas.

A partir disso, poderemos examinar como a observação e a integração com as formas de vida não-humanas constituem um material riquíssimo para o fazer poético, o que pode ser observado através da própria trajetória de vida de Cora Coralina. Nascida no interior do Goiás, desde criança teve um intenso contato com a vegetação e os animais, pois foi criada em uma fazenda. Já adulta, morou em algumas cidades diferentes no estado de São Paulo e em todas elas manteve o contato com as plantas, desde o simples ato de plantar roseiras em seu quintal até o cultivo de mudas para venda.

Assim sendo, o presente trabalho está dividido em três partes. Na primeira, trataremos diretamente do pertencimento, com o eixo principal sendo o poema “A gleba me transfigura”, do livro *Vintém de cobre*. Na segunda parte, que não se trata propriamente de um capítulo, mas sim de um interlúdio, analisaremos o poema “O cântico da terra”, com maior atenção para os recursos estéticos utilizados pela poeta. Por fim, na terceira parte, observaremos como a temática da transformação está presente nos poemas de Cora Coralina tanto ao ser resiliente diante das adversidades quanto ao integrar-se à terra como matéria orgânica.

Trata-se, portanto, de um trabalho relevante principalmente para a literatura, visto que apresenta novas perspectivas de leitura para os poemas coralineanos. Além disso, com o foco voltado para o reino vegetal, coloca sob os holofotes uma temática não antropocêntrica, valorizando a fitoliteratura (NASCIMENTO, 2021) e emitindo um alerta: não somos nada sem as formas de vida que vieram antes de nós.

2. Pertencimento

O sentimento de pertencimento é uma necessidade humana e, como tal, pode ser percebido em muitos poemas de Cora Coralina. A poeta o faz especialmente a partir da ligação com a terra enquanto elemento mineral e enquanto berço de tudo o que se pode produzir. A partir da terra, o trabalho pode ser realizado, o trigo pode ser produzido e a vida pode ser gestada. Dentro desse tema, o poema “A gleba me transfigura”¹ apresenta uma grande sequência de versos em que o eu lírico aborda a relação do trabalhador com a terra e de como, a partir dela, tudo pode se enraizar, crescer e frutificar. Ao dizer “Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, / sou graveto, sou mato, sou paiol / [...] Sou a espiga e o grão que retornam à terra”, o eu lírico abre portas para que o leitor possa se ver no centro do trabalho, da produção e da vida em gestação, construindo, assim, o sentimento de pertencimento.

Esse sentimento se relaciona com a existência em si. Segundo Emanuele Coccia (2019), o estado de imersão no mundo sugere uma “compenetração recíproca entre sujeito e ambiente”. Nesse sentido, o sujeito exerce influência sobre o ambiente tanto quanto o ambiente sobre o sujeito. Para observar com atenção a vivência das plantas nesse mundo — e aqui destacamos “vivência” como *o ato de viver* —, é necessário *imersão* juntamente com elas e, a partir dessa imersão, *sentir* o passo a passo do surgimento de uma planta, desde sua semente, passando pelo nascimento da raiz e do caule que germina, chegando ao tronco, às folhas, às flores e aos frutos. Para, então, ver as flores retornarem à terra através do pólen e os frutos, através das sementes: “a espiga e o grão que retornam à terra” (CORALINA, 2013).

Compreender que pertencemos a esse planeta tanto quanto qualquer outro ser que o habita é fundamental para olharmos cada sujeito como parte de um todo. Isso desperta no indivíduo um senso de identidade, de maneira que, quando refletimos sobre quem somos, pensamos inicialmente em *de onde viemos*. Nosso nome, nosso local de nascimento, nossa família. Ou seja, falando em termos vegetais, em *nossa semente* e *nossa raiz*, fecundadas na terra. Se levarmos em consideração o princípio hermético de que *O Todo está em tudo e que o tudo está n’O Todo*, que caminha em concordância com a citação que Coccia faz de Anaxágoras (“tudo está em tudo”), então pertencemos à terra/Terra tanto quanto a terra/Terra pertence a nós: é uma relação recíproca tal qual a imersão sugere. Imersos, fazemos o mundo entrar em nós e nos projetamos no mundo que somos (COCCIA, 2019).

¹ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 108-111.

Para dialogar um pouco mais com Cora Coralina, citemos parte de uma estrofe do poema “Ofertas de Aninha (aos moços)”²: “Creio numa força imanente / que vai ligando a família humana / numa corrente luminosa / de fraternidade universal.”. A noção de pertencimento ultrapassa, portanto, o *de onde viemos* no sentido anteriormente citado. Mais do que na nossa família nuclear, o pertencimento pode ser encontrado também na *família humana*.

Dentro da análise a respeito da importância do reino vegetal e de sua relação intrínseca com os reinos mineral e animal, podemos ampliar o conceito de família para além do humano, chegando, assim, ao entendimento de que toda a vida na Terra, desde sua origem, está conectada em alguma instância. Nas palavras de Nascimento (2021), “*tudo se relaciona o tempo todo, em todos os lugares.*” Essa “corrente luminosa” a que pertencemos, portanto, não se trata apenas das relações intraespecíficas, mas também interespecíficas. Os três reinos estão protagonizando trocas o tempo todo: a água e a terra são fundamentais para a vida das plantas e dos animais, sendo estes dependentes tanto dos minerais quanto dos vegetais.

Todas essas relações nos fazem pensar a respeito de como se estabelece a vida no planeta entre os seres e dos seres com o ambiente. “Meio e ambiente, se existem, estão ao mesmo tempo dentro e fora de nós, todos os viventes, constituindo-nos e sendo por nós constituídos” (NASCIMENTO, 2021), de forma que se torna possível concluir que pertencemos ao meio tanto quanto o meio pertence a nós: somos parte de um todo indissociável.

Estamos falando, portanto, não mais de uma *família humana*, como colocou Cora Coralina em seu poema, mas de uma *família planetária*³, em que toda a vida no planeta Terra está intrinsecamente vinculada a todos os seres e por todos os seres, desde a matéria inorgânica até a matéria orgânica. Esta afirmação se associa diretamente ao conceito de “solidariedade” defendido por Nascimento em *O pensamento vegetal* (2021), em que ele pontua que “há na solidariedade a noção de que os viventes e as coisas são mútua e inelutavelmente independentes”.

Voltando ao poema e citando Coccia novamente, se a *força imanente* que nos conecta é o *sopro*, o princípio da vida, então não há um só ser sobre a Terra que conheça, de fato, a solidão. Se o simples ato de respirar — onde fazemos o mundo entrar em nós através da inspiração e projetamos no mundo aquilo que somos através da expiração (COCCIA, 2019)

² CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 155-156.

³ Terminologia nossa inspirada por Nascimento (2021), que utiliza os termos governantes planetários e democracia planetária em “O pensamento vegetal”.

— é o bastante para interligar todos os seres que habitam a mesma atmosfera, deveríamos ser todos capazes de desenvolver o sentimento de pertencimento dentro de nós, independente das circunstâncias. Fazemos parte de um *todo* que é muito maior do que nós e estamos, diariamente, fortalecendo e alimentando essa relação simbiótica.

Ainda que as plantas não possuam necessariamente uma alma, possuem uma essência vital que as torna seres vivos. Através da fotossíntese, protagonizam constantes trocas com o ar e com os outros seres vivos: afinal, absorvem o gás carbônico e presenteiam o mundo com o oxigênio, que vem até nós. Dotadas de alma ou não, as plantas possuem sua própria maneira de pertencer ao mundo, uma maneira delicada e fina. Delicada porque não precisa passar por cima de nenhum ser vivo para existir, porque não *tira conscientemente a vida de outrem* para viver. Fina porque, gentilmente, através de sua capacidade fotossintetizante, penetra na “corrente luminosa” que liga a família humana. Propomos que a corrente é o ar, é a esfera em que circulam todas as trocas de todos os seres vivos; é, também, a terra, de onde nasce a maioria das plantas e onde habitam os humanos. Pertencem, todos, conscientes ou não, à mesma atmosfera.

A leitura dos poemas de Cora Coralina e sua respectiva análise não deve se concentrar, contudo, apenas na esfera temática. Apesar do pouco estudo, da simplicidade e de ter declarado em poema autobiográfico “Sendo eu mais doméstica do / que intelectual”⁴ e “Sou mais doceira e cozinheira / do que escritora”⁵, Cora Coralina constrói uma estética em seus poemas que aproxima o leitor da obra.

Para que haja eficácia na transmissão da mensagem, o código é fundamental. É precisamente através da simplicidade no uso do código linguístico que os poemas de Cora transpõem as barreiras e ganham o público: suas metáforas cotidianas; seus versos livres e majoritariamente brancos; suas rimas, quando ocorrem, exalando espontaneidade.

Quando escreve a respeito da literatura e da humanização no ensaio “O direito à literatura”, Antônio Candido destaca que “o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura”, definindo literatura de maneira abrangente como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. Dessa maneira, para que a força humanizadora da literatura possa agir é necessário que o código linguístico e, portanto, a estética cumpram com o objetivo de se fazer compreender pelo leitor.

⁴ CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*, p. 83.

⁵ Idem.

Como Cora Coralina faz isso? Reiteramos: com simplicidade estética e temática, através do que está ao nosso alcance, como a terra, as plantas e as pedras. Não é preciso ser botânico ou geólogo para observar a maneira como esses elementos se dispõem no planeta. É certo que, com o avanço da urbanização e o crescimento das grandes metrópoles, estamos cada vez menos em contato com a Natureza. No entanto, reside na memória e no imaginário humanos muito de como funciona a vida vegetal, em especial seus ciclos, de forma que todos se tornam capazes de refletir sobre seus funcionamentos.

É essa aproximação com a realidade, descrevendo a vida na fazenda, o desabrochar das flores, a construção da casa de um joão-de-barro e usando esses elementos como objeto poético que Cora gera aproximação com seu público — é a retomada da vida elementar, natural, rural. Essa aproximação, por sua vez, gesta a identificação. Cada um de nós tem suas próprias pedras para carregar, entendendo *pedras* como *desafios*, por isso, não é um grande esforço se identificar com o poema “Das pedras” e encontrar o caminho da vitória por entre as dificuldades (“Entre pedras / cresceu a minha poesia”).

Assim, aos poucos, a identificação leva ao pertencimento, presente nos poemas coralíneos não apenas pela análise do reino vegetal anteriormente realizada, mas também e principalmente porque, antes de tudo, Cora Coralina escreve sobre o que é cotidiano, e não apenas um cotidiano local no interior do Goiás entre os séculos XIX e XX, mas sim um cotidiano que ultrapassa fronteiras geográficas e geracionais para se instalar nas bibliotecas, nas salas de aula e nas universidades de todo o país.

Considerando que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), é possível identificar os elementos temáticos da obra de Cora Coralina como aquilo que ela, enquanto Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, vivenciou. Anna, desde a tenra infância, leu o mundo e o que está contido nele, incluindo o reino vegetal. Leu o comportamento das plantas, assim como todos nós somos capazes de ler, tal qual um texto não-verbal e, posteriormente, utilizou-se do código linguístico para escrever sobre elas. Assim, quem lê em língua portuguesa, hoje pode apreciar, verso a verso, os poemas daquela que se considerava mais doceira do que poeta. Nisto, também reside o pertencimento.

Em “Semente e fruto”⁶, poema narrativo composto por cinquenta versos, o eu lírico, uma mulher, que sabemos ser a própria poeta pelo teor autobiográfico de sua obra, conta um pouco de sua vida. Inicia com os sonhos da juventude, limitados pela própria família, e a busca pelo próprio destino longe do seio familiar (“Ninguém me estendeu a mão. / Ninguém

⁶ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 76-77.

me ajudou e todos me jogaram pedras.”). Mesmo “despojada” e “apedrejada”, ela continuou caminhando, vivendo, até que teve seus filhos, o ponto chave que altera o curso da narrativa do poema. Diz o eu lírico a respeito dos filhos “E foram eles a rocha onde me amparei” (v. 16) e

Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
Sombra na minha solidão.
Refúgio do meu nada.
Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.
Fostes, para mim, semente e fruto.
Na vossa inconsciência infantil.
Fostes unidade e agregação. (v. 30 a 36)

De maneira que, conectando-nos novamente à esfera vegetal, a voz feminina do eu lírico atribui aos filhos, simultaneamente, o papel de semente e fruto. Sabemos que a semente, o germe, é o princípio da vida vegetal e que está contido no fruto, sendo este a última etapa de uma angiosperma (a única a desenvolver flores e frutos). É inevitável, nesse ponto, retomar a ideia de família, pois o eu lírico encontrou nos filhos a unidade e a agregação de que precisava e ainda não dispunha. Interpretemos da seguinte maneira: os filhos são semente porque neles germina a esperança e são fruto porque, seguindo o próprio ciclo da vida, é resultado da fecundação — o fruto nasce a partir da flor.

Fazendo uma breve retomada à integração do reino vegetal ao restante do mundo e dos seres vivos, outro fator que é interessante nessa relação simbiótica é a existência das flores. Embora a maioria seja hermafrodita, existe nelas um mecanismo que impede a autofecundação, o que as leva a depender de agentes externos para efetuar a polinização, possibilitando, assim, a reprodução. Ainda que as flores sejam, em teoria, *autogâmicas*, sua própria natureza se coloca contra a autofecundação e protege a célula sexual feminina, a oosfera. Em teoria, as flores poderiam se reproduzir sozinhas, mas não o fazem; *dependem* do mundo exterior porque *fazem parte dele*. Por mais autossuficiente que possa parecer, nenhum ser vivente é, de fato, independente.

Por essa razão, o conceito de família, seja ela como for, é tão caro aos seres viventes. É preciso ressaltar “que nós, humanos, somos criaturas gregárias, que não somos programados para a solidão, mas para dar e receber” (ALLENDE, 2021). Buscamos, constantemente, por “unidade” e “agregação” — para usar novamente as palavras de Coralina

—, que são outras maneiras de se falar em pertencimento. Se dar e receber são ações que nos distanciam da solidão, então, foi o ato de *dar a vida* que permitiu ao eu lírico de “Semente e fruto” o encontro com a agregação e *receber dos filhos* aquilo de que precisava permitiu a unidade.

Neste sentido, ampliando a análise para o verbo “semear”, presente em outros poemas, notemos que semear nada mais é do que a prática da sementeira, de plantar sementes. Semear é, por associação à citação de Allende, aquilo que *damos* à terra, embora saibamos que a origem de tudo que vem da terra é a própria terra. Mas a espécie humana pode fazer parte da sementeira, não só porque se beneficia dela para se alimentar, por exemplo, mas também porque a manutenção das plantas implica a manutenção de toda a vida na terra. Ainda por associação com Allende, *recebemos* da terra o resultado do plantio: roseiras, por exemplo, fazendo alusão ao poema supracitado.

Não nascemos para a solidão em hipótese alguma, nem entre os próprios seres humanos, nem entre os seres vivos como um todo. Sendo assim, nos referir à terra — solo e planeta — como uma grande mãe não é um equívoco, é uma verdade empírica. E, mesmo quando a vida de um ser chega ao final do ciclo, ele retorna à terra novamente, nutrindo-a e abrindo caminhos para novas formas de vida. Se pertencemos a um ambiente, a uma *atmosfera*, tão maior do que nós, então estamos intrinsecamente vinculados à ela de uma maneira muito além daquilo que imaginamos pertencer. Nas palavras da poeta, colocando-se no lugar de Gaia,

Em mim a planta renasce e floresce, sementeira e sobrevive.
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando
para a colheita das gerações.
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada
no ventre escuro da terra.⁷

3. Interlúdio: uma análise de “O cântico da terra”

Dando continuidade ao nosso estudo acerca do reino vegetal e de como se estabelece a relação dos seres com o telúrico, analisemos o poema “O cântico da terra”⁸, estrofe a estrofe,

⁷ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*, p. 111.

para fundamentarmos nossa análise. No livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, possui o subtítulo *Hino do Lavrador*.

Uma vez que a riqueza dos poemas de Cora Coralina não reside apenas na temática, mas também na estética, selecionamos um poema em que ambos os fatores podem ser observados com clareza.

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

A primeira coisa a se observar na estética dessa estrofe é que, ao contrário da maioria dos poemas de Cora Coralina, encontra-se a presença de dois versos que rimam ente si (v. 3 e v. 5), decerto que são dois substantivos e, por “amor” e “flor” pertencerem à mesma classe gramatical, a rima entre esses versos é considerada pobre pela teoria literária. Entretanto, há de se observar a equivalência fonética perfeita quanto à terminação das palavras. Observamos, também, a presença intensa das fricativas /v/ e /f/, em especial entre os versos 3 e 5, o que caracteriza uma aliteração. Além disso, embora a quantidade de sílabas poéticas seja variável, a estrofe possui um ritmo bem definido.

Do ponto de vista temático, logo se percebe que o eu lírico é a terra enquanto solo, pois ela mesma se apresenta no primeiro verso, alegando ser, também, “a vida”. De fato, sendo a terra a fonte da vida, de seu barro é feito o homem, remetendo ao Gênesis. No entanto, ao contrário do Gênesis, a mulher no poema vem diretamente da terra, assim como o amor, sem precisar do homem como um intermediário para sua existência. Da terra vieram também a árvore e a fonte e, a partir daqui, destaquemos um detalhe interessante a respeito do tempo verbal do verbo *vir*: ao falar do homem, da mulher, do amor, da árvore e da fonte, o verbo foi conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo; entretanto, ao introduzir a flor e o fruto no quinto verso, o eu lírico utiliza o verbo no presente do indicativo. Esse detalhe, embora pareça pequeno, é significativo, pois a flor e o fruto podem ser compreendidos como o futuro de uma semente e, portanto, de uma árvore, mas são incorporados no presente no poema.

⁸ CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 210 e 211.

Eu sou a fonte original de toda a vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da coberta do teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Nessa segunda estrofe, notamos algumas características em comum com a anterior, tais como o tamanho irregular dos versos e a presença de poucas rimas, exceto entre os versos 9 e 11 e 12 e 14 (*poço/esforço* e *vida/lida*). Encontramos, entretanto, uma novidade: uma rima interna no verso 15, que ocorre entre as palavras *acharás* e *Paz*, respectivamente um verbo e um substantivo.

Outra novidade se apresenta nessa estrofe. Ao contrário da primeira, em que a poeta não utiliza nenhum adjetivo, aqui encontramos quatro: *original* (v.6), *constante* (v.9), *generosa* (v.10) e *tranquila* (v.11). Todos os adjetivos são empregados em uma esfera positiva, caracterizando seus respectivos substantivos de forma a demonstrar que a terra, “a fonte original de toda a vida”, possui boas provisões para oferecer. Primeiro, na “mina constante” jamais faltará água, que é elemento vital. Segundo, a fartura representada pela “espiga generosa” indica que sempre haverá alimento para o gado, mas também para os outros seres vivos. E terceiro, ao se caracterizar como “a certeza tranquila do teu esforço”, o eu lírico, a terra, está garantindo ao ser humano que ele sempre receberá o devido reconhecimento diante do esforço despendido.

Outro detalhe interessante é o emprego da segunda pessoa do singular para se referir ao interlocutor, o ser humano. Ocorre tanto através dos pronomes possessivos (*teu* e *tua*) quanto através do pronome pessoal do caso reto *tu*. O uso da segunda pessoa é, de maneira geral, comum em poemas, pois remete a uma linguagem mais rebuscada e até mesmo respeitosa. Este simples detalhe demonstra a consciência e a capacidade de Cora Coralina enquanto poeta, pois utiliza um recurso que confere sofisticação e reverência ao poema.

Dessa vez, há dois versos que não se iniciam com letra maiúscula, mas sim com minúscula, dando continuidade à sequência narrativa do verso anterior. Esse recurso, muito presente nos poemas de Cora Coralina, é pouco observado no poema em questão. Assim

como a palavra *Criador*, a palavra *Paz* também aparece grafada com a capitular maiúscula, colocando-os como iguais no poema: a Paz, assim como o Criador, como um substantivo próprio, uma entidade.

Nessa estrofe, que se inicia retomando a origem da vida, o eu lírico também anuncia o que está por vir, o retorno do homem à terra, ou, nas palavras do Gênesis — também usadas em outro poema de Cora Coralina⁹ —, “tu és pó e ao pó retornarás”. Este assunto em específico conecta as seções 1 e 3 deste trabalho, pois, ao tratar da origem, remete ao lugar ao qual pertencemos e, ao tratar do destino, subentende os processos de transformação sofridos pela matéria humana para retornar à terra, a única possível para encontrar “descanso e Paz”, segundo o poema.

Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

Na terceira estrofe, pela primeira vez não encontramos a presença de rimas, nem mesmo em relação à estrofe anterior. Quanto às observações estéticas, mantêm-se as mesmas pontuadas até então, tais como o uso da segunda pessoa, os verbos no presente e a expressão *Mãe universal*, composta pelo substantivo *Mãe* e pelo adjetivo *universal*. A palavra *Mãe*, a partir do momento em que é grafada com a capitular maiúscula no meio da frase, eleva-se ao patamar de substantivo próprio, tal qual *Criador* e *Paz*, conferindo uma relevância ainda maior ao seu papel: a terra não é apenas uma mãe planetária, mas sim uma figura universal, que está no lugar de gestar a vida para além do planeta Terra.

O que destacamos nessa estrofe é o lugar que a terra/Terra, a Mãe universal, ocupa na vida do interlocutor: é, simultaneamente, filha, noiva e esposa. Filha porque precisa de nós para cuidarmos dela, nutri-la, zelando para que ela continue se desenvolvendo para chegar à maturidade. Noiva porque temos um compromisso com a Terra, ou, ao menos, deveríamos ter, já que ela é o berço da vida e, como tal, merece tanto respeito quanto qualquer outro ser vivo: é preciso que a tratemos como uma igual. E é esposa, “desposada”, porque nós podemos fecundar a terra, utilizando seus recursos a favor da sobrevivência dos seres vivos no planeta, plantando árvores, respeitando todas as formas de vida.

⁹ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*, p. 74.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

Nesta quarta estrofe, muito semelhante esteticamente à terceira, o que nos chama a atenção é a existência da interjeição *ó* acompanhando o vocativo *lavrador* no verso 20. Muito usada nas liturgias e nas orações católicas¹⁰, uma profunda carga de respeito, adoração e louvação acompanha essa interjeição. Dessa maneira, o uso da interjeição nos permite interpretar que o eu lírico, a própria terra/Terra, está reverenciando o lavrador e, ao fazer isso, entrega a ele tudo que é dela. Essa entrega ocorre justamente para que o lavrador faça bom uso dessa “fonte” (v. 4 e 6) e, com o arado, a foice e o machado, forje o berço para o filho, o algodão para a vestimenta e o pão para alimentar sua família.

Em uma simples interjeição, acontece o encontro da morfologia, da sintaxe e da semântica.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Chegamos à quinta e penúltima estrofe, em que aparece novamente uma rima intercalada, presente nos versos 26 e 28 entre os verbos *voltarás* e *dormirás*, ambos na segunda pessoa do singular do futuro do indicativo. É uma estrofe curta, com apenas quatro versos com a presença de dois períodos. Nessa estrofe, é bem sinalizado o início e o final de cada período, com letras maiúsculas e ponto final. Os períodos não estão escritos na forma direta sujeito-verbo-objeto, de maneira que o critério para separá-los por versos nos parece incerto, mas podemos afirmar que a separação, da maneira como foi feita, tem o claro intuito de preservar a rima.

Novamente, o eu lírico retoma uma temática presente na segunda estrofe: a morte e o consequente retorno do homem às suas origens. É bem-vindo notar a maneira como a poeta constrói os versos 27 e 28, pois o uso dos adjetivos *materno* e *tranquilo* corrobora para a ideia

¹⁰ Como na oração da Salve Rainha: “ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria”.

de conforto na hora da morte. A Terra maternalmente acolhe em seu seio, que é a terra enquanto solo, todos aqueles que entram no estado de sono eterno. Além disso, a poeta não utiliza a palavra morte para indicar o suposto fim da vida, mas sim diz “tranquilo dormirás”. Olhar para a morte como um sono tranquilo e para o sepulcro como uma mãe que nós acolhe é nada menos do que um eufemismo para acalentar o lavrador que, em “um dia bem distante”, voltará às suas origens.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

A sexta estrofe conclui o poema com uma mensagem. O eu lírico se une ao interlocutor, o que é comprovado através do uso dos verbos na segunda pessoa do plural — alguns no subjuntivo e outros no indicativo, todos no futuro. Nessa união, a terra se coloca ombro a ombro com o lavrador para, juntos, plantarem, lavrarem e cuidarem do que for preciso. É através dessa união, desse compromisso que o lavrador assume com a terra, que se torna possível cuidar do ninho, morada que os pássaros constroem apenas para colocar os ovos e cuidar dos filhotes até que tenham idade para voar; e cuidar, também, do gado, fonte de alimento, e da tulha, onde se pode armazenar o alimento sobressalente. Assim, haverá fartura e, portanto, felicidade.

Convém explicitar que, no livro, essa última estrofe é destacada como um estribilho, de forma a equivaler ao refrão de uma música. Sendo o subtítulo *Hino do Lavrador*, não é um fator que deva causar estranhamento, mas sim admiração pelo uso de um recurso musical em um poema. Ainda que a intensão da poeta não fosse essa conexão com a música, um estribilho é uma expressão repetida com frequência, muitas vezes até se tornar um bordão, para que fique internalizada no imaginário. É como se a poeta estivesse, através do uso deste recurso, dizendo-nos: grave bem estas palavras, faça delas um lema.

Neste poema em que narra o ciclo da vida na terra e a relação da terra com os seres que a habitam, Cora Coralina transforma, através da arte da palavra, o que se propôs a fazer em sua vida e o legado que quer transmitir às gerações futuras. Enquanto houver terra, haverá

vida. A morte não é, portanto, o fim; é um estado de repouso, um sono tranquilo, em que os seres vivos entram para dar origem a mais vida.

4. Transformação

Assim, compreendendo como o pertencimento e o ciclo da vida na terra podem ser interpretados nos poemas de Cora Coralina, é necessário falar da transformação para nos aprofundarmos em alguns aspectos interessantes. Essa transformação se manifesta essencialmente de duas maneiras: primeiro, através da capacidade de transpor obstáculos; e segundo, através da reintegração da matéria orgânica à Terra após a morte.

Quando em “Aninha e suas pedras”¹¹ o eu lírico recomenda ao leitor “Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.”, está indicando o caminho que pode ser seguido para contornar as dificuldades e encontrar uma solução para os entraves. Muito ligada à esperança, a transformação se manifesta com grande frequência através do reino vegetal, do ato de plantar e semear aquilo que se quer colher. Este aspecto também pode ser notado no poema “As espigas de Aninha”¹², que diz “Preparando sua terra / plantando e produzindo / ele estava esquecendo angústias do presente / e enchendo a tulha do futuro”.

Conhecer um pouco da biografia de Cora Coralina é indispensável para interpretar sua obra. Alguns de seus poemas relatam as dificuldades de aprendizado na escola, a falta de incentivo familiar e até mesmo a dúvida quanto à autoria de seus poemas. É o que acontece, por exemplo, no poema “Menina mal-amada”¹³, em que Cora, através do eu lírico, demonstra que a família acreditava que era seu primo Luís Couto, também poeta goiano, quem escrevia por ela:

Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...
Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
Para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de Direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina...

¹¹ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 148.

¹² CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 149.

¹³ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 114-121.

Foi preciso tempo para que Cora Coralina demonstrasse que ela era, sim, quem escrevia o que escrevia. Transpôs as dificuldades impostas pela família, a relação conturbada com a mãe e os problemas de aprendizagem. Foi, devagar, caminhando e semeando, abrindo caminho até chegar a ser o que ela mesma definiu como “geração ponte”¹⁴, transitando por diversos lugares, meios e espaços até que aprendesse a datilografar para publicar os próprios livros.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.¹⁵

Apesar disso, seus poemas demonstram respeito àqueles que vieram primeiro em sua linhagem familiar, especialmente com a bisavó e com a chamada tia Nhorita, ambas destacadas por Cora Coralina no poema supracitado como as únicas que lhe conferiram algum estímulo. Caminhando pelas veredas da memória, Cora reconstruiu as lembranças da infância em seus poemas autobiográficos, não mascarando nem amenizando os impactos gerados pela rejeição materna. Semeando os prados do futuro, Cora lançou suas palavras à terra e cativou os jovens para lerem seus escritos, como se soubesse que de pouco lhe valia a aprovação dos velhos — estes, já no tarde da vida, não teriam um futuro muito longo para disseminar seus poemas. Quando discorre sobre a semente, Coccia olha para ela como um destino: é preciso, ao mirar a semente, imaginar o que pode vir dela, os frutos que ela dará no futuro. Isso, Cora Coralina fez ao se colocar como uma ponte entre passado e futuro.

Nesse transcurso transformador, o uso das metáforas do reino vegetal é muito comum. Afinal, durante toda a sua vida, Cora Coralina esteve em intenso contato com a terra. Na fazenda que vivia com a família no interior do Goiás, onde Cora observava formigas e o nascimento das flores. Em Jaboticabal, cidade paulista em que viveu com o marido e onde nasceram seus filhos: lá, “a semente da esperança estava lançada” (BRITTO e SEDA, 2015), para que seu futuro fosse germinado. Com esse objetivo, Cora adquiriu uma chácara em Jaboticabal e lá cultivou uma plantação de rosas, o que lhe rendeu, tempos depois, o apelido

¹⁴ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 34.

¹⁵ CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*, p. 82.

de *dona Cora florista*¹⁶. Depois que seu marido Cantídio Bretas faleceu, Cora se mudou para a cidade de Penápolis, no interior de São Paulo, onde novamente recomeçou sua vida e também se dedicou ao cultivo e à venda de mudas de árvores e roseiras. De Penápolis, mudou-se para Andradina aos 52 anos de idade e, lá, adquiriu um pedaço de terra e investiu na produção de algodão e milho. Em Andradina, nasceu a Cora agricultora.

Em Andradina, o contato com a terra aflorou em dona Cora Brêtas muitos dos temas que irrigariam seu ofício literário. [...] Desde seus primeiros textos publicados, a exemplo do celebrado “Tragédia na roça”, essa simbiose já se instaurava: a convergência para o telúrico, um processo de elevação do ser. A terra, para Cora Brêtas, era o todo” (BRITTO e SEDA, p. 219)

Por isso, quando retornou à sua cidade natal muitos anos depois, já próximo dos 70 anos, o destino de Cora não poderia ser diferente. Voltou a morar na antiga casa da família, agora sozinha, e lá também plantou suas roseiras e manteve o contato com as plantas.

Ainda quanto à biografia de Cora, a viuvez lhe foi importante porque, durante o período em que foi casada com Cantídio, ele não permitiu que ela publicasse seus textos e poemas. Para Coralina, “o ato de escrever estava ligado diretamente à publicação” (BRITTO e SEDA, 2015), por isso, ainda que Cantídio lhe permitisse escrever, ela quase não o fazia, já que não poderia publicar. Ela não abria mão, portanto, de se comunicar com o(s) emissor(es). Cabe ressaltar que, mesmo diante dessa proibição, Cora Brêtas enunciava o respeito por seu marido, amava-o profundamente e era grata a ele pelos filhos que tiveram juntos.

Por essa razão, a poeta Cora Coralina só retornou definitivamente ao seu ofício já idosa, com os filhos criados, e foi nesse contexto que aprendeu a datilografar. De todas as dificuldades enfrentadas por ela, estas são só algumas, que nos servem de norte para interpretar seus poemas em consonância com o propósito que a poeta tinha ao escrevê-los.

Assim, por conhecer tão bem o reino vegetal e suas diversas manifestações, Cora incorporou em sua obra o ciclo de vida das plantas, incluindo cada etapa da existência vegetal. Essa incorporação elevou-se ao patamar do que, hoje, Nascimento chama de *fitoliteratura*, o que podemos observar no poema “Oração do milho”¹⁷, em que o eu lírico é o próprio milho:

¹⁶ BRITTO e SEDA, C.C. e R.E. *Cora Coralina: raízes de Aninha*, p. 125.

¹⁷ CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 156-157.

Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.
Sou o cocho abastecido onde ruma o gado.
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizeste necessário e humilde.
Sou o milho.

A partir do momento em que um poeta redireciona o foco de sua obra para uma visão não antropocêntrica da literatura, é permitido às outras formas de vida — através do fazer poético, é claro — expressar suas vivências nesse mundo. Ao observar atentamente o mundo ao ponto de se colocar no lugar de porta-voz dos reinos mineral e vegetal, o poeta, “o operário, o artífice da palavra”¹⁸, incorpora ciclos, sistemas e relações diferentes dos seus: perpassa uma experiência gemelar em que, ao mesmo tempo, gesta a capacidade de penetrar nestes reinos, pertencendo a eles, e de se transformar naquilo em que está escrevendo.

Essa transformação, entretanto, não se restringe apenas ao fazer poético, tampouco à capacidade de remover as pedras da vida e plantar roseiras com o objetivo de recomeçar.

Analisando a vida e a existência neste planeta como um ciclo, não como uma reta, é possível perceber como toda a matéria que é produzida *pela terra* se transforma ao *retornar à terra*. Assim como as folhas que caem das árvores se tornam matéria orgânica ao se decompor, o ser humano, quando morre, também vivencia seu retorno à terra, também se transformando em matéria orgânica e servindo, assim, como uma espécie de combustível para que exista mais vida no planeta. Neste ponto é que se conectam os poemas de Cora Coralina e a definição de imersão de Coccia: o ambiente que forma e nutre o sujeito é igualmente transformado e nutrido por ele.

Dessa maneira, é inevitável citar o conceito de *vida-morte-vida* trabalhado por Clarissa Pinkola Estés em *Mulheres que correm com os lobos* (2014). A proposta de Estés é que, sendo a vida um ciclo, a morte não pode ser seu fim, mas sim um mecanismo gerador de mais vida, o que ocorre tanto no sentido figurado quanto literal. Aqui, nos interessa perceber como Cora Coralina usa as metáforas dos reinos mineral e vegetal, em especial do vegetal, como maneiras de perceber nossa existência sobre a terra e na Terra. Para isso, tanto a *imersão* de Coccia quanto o *ciclo de vida-morte-vida* de Estés são fundamentais.

Se levarmos em conta o princípio de Lavoisier de que na natureza tudo se transforma,

¹⁸ CORALINA, Cora. *Vintém de cobre*, p. 214.

englobamos nesse *tudo* toda a matéria orgânica existente no planeta. Como já foi discutido anteriormente, dentro de um ciclo de vida-morte-vida, não existe morte definitiva, apenas o *combustível* para mais vida. Deixar morrer o que deve morrer para dar vida ao que deve viver: é isso que encontramos nos poemas de Cora Coralina.

No entanto, *deixar morrer* não significa *esquecer*. Ao não romantizar nem idealizar as dificuldades vividas na infância, Cora Coralina nos dá um alerta, mostra o feio que há no mundo. Depois, com suas sementes, suas roseiras e seus doces, mostra o belo. Mostra a calma depois da tempestade, a esperança que vem com a germinação.

“Nosso grande temor da morte vem da incapacidade congênita ao humano de reconhecer que, ao se reintegrar ao inorgânico, a vida nunca desaparece de todo, apenas ganha novas configurações metamórficas.” (NASCIMENTO, 2021)

Quando uma coisa é transformada em outra, há matéria-prima da coisa inicial na coisa final. Falando em termos de reino vegetal, há o adubo gerado pelas folhas decompostas na semente; há semente na flor; há flor no fruto. Transformar um sujeito em outro não significa desaparecer com o sujeito inicial, mas sim encontrar, em meio aos recursos disponíveis, uma *outra via* de existência. Peguemos como exemplo a primeira estrofe do poema “Das pedras”¹⁹: “Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim./ Levantei uma escada muito alta / e no alto subi.”. Para construir a escada, o eu lírico utilizou as pedras jogadas sobre ele como matéria-prima; encontrou, assim, uma utilidade para as pedras, em vez de devolvê-las a quem as jogou ou ignorá-las.

Mais uma vez, retomar a vida de Cora Coralina nos auxilia a compreender seus poemas e o porquê das figuras utilizadas. Principalmente depois da viuvez e ainda vivendo no estado de São Paulo, Cora passou a dedicar grande parte da sua vida à caridade. Inspirada em São Francisco de Assis, considerado o protetor dos animais e zeloso com a natureza como um todo, ela incorporou não só a simplicidade franciscana, mas também o amor e o respeito por todas as formas de vida e todos os seres, animados e inanimados.

Assim, é possível vincular os princípios franciscanos aos poemas analisados, em especial ao que traremos a seguir. Partindo de um trecho da oração de São Francisco — “é morrendo que se vive para a vida eterna” — leiamos o poema “Meu epitáfio”²⁰:

¹⁹ CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*, p. 11.

²⁰ CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*, p. 106.

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

Neste poema, o eu lírico claramente trata a respeito da transformação da matéria humana após a morte. Por isso, diz logo no início que, depois de morta, será árvore, tronco e fronde, porque a transformação da matéria orgânica, além de se juntar à terra, potencializa o crescimento das plantas. Mais do que isso, o eu lírico dá a impressão de insinuar que se transformará em uma árvore própria, única, o que pode ser observado com mais facilidade na segunda estrofe, ao utilizar o verbo “enfeitei” na primeira pessoa ao mesmo tempo em que, no verso seguinte, fala de seu próprio túmulo. Como o eu lírico enfeitaria o próprio túmulo com folhas sem transformar-se ele próprio em uma planta? Este simbolismo de vida vegetal nada mais é do que uma espécie de transubstanciação: em vez da carne tornar-se hóstia, torna-se árvore.

É na última estrofe, entretanto, que reside um grande tesouro dentro da análise que estamos fazendo. Retomando o *ciclo de vida-morte-vida* e as *novas configurações metamórficas*, nota-se que é através de sua obra poética que o eu lírico, a própria poeta, pretende immortalizar sua existência dentro dessa *atmosfera* partilhada por todos os seres vivos. O cântico e os versos são, portanto, uma maneira de criar raízes na terra e, sendo as raízes “as formas mais enigmáticas do mundo vegetal” (COCCIA, 2019), não é surpreendente chegar a essa conclusão. Enigmáticas como são, as raízes proporcionam o contato com o ambiente da transformação e da transubstanciação da matéria — a escuridão desconhecida que é o ventre da terra.

5. Considerações finais

Ao observar atentamente cada um dos dois pontos que direcionam esse estudo, é possível perceber que eles estão conectados. O pertencimento e a transformação caminham lado a lado, sempre mediados pelo tempo. Afinal de contas, quando falamos de reino vegetal, convém lembrar que está presente a ação do tempo em cada etapa.

Ligado ao ato de criar raízes — que pode ser simbólico ou literal —, o pertencimento se conecta com a ancestralidade presente dentro do tempo, com as memórias do passado e com a criação de uma base para o futuro, afinal, a raiz é o início de uma planta e, conseqüentemente, o primeiro passo para que hajam flores e frutos. A transformação, por sua vez, além de se conectar com o tempo, também está presente em cada etapa da formação de uma planta, desde o momento em que a semente germina na terra até o momento em que a flor se transforma em fruto.

A leitura dos poemas de Cora Coralina à luz dos excertos de Coccia, Nascimento e Estés ganha uma outra dimensão em que, além das contribuições literárias e da mera fruição, um propósito a mais pode ser encontrado. A partir dos temas analisados, podemos observar o quanto sentir-se parte de um ambiente e fazer parte efetivamente são universais, estão presentes para muito além do humano. As formas de vida não humanas, animadas e inanimadas, possuem um lugar no mundo e na cadeia evolutiva, basta observar com atenção para compreender isso.

Quando pegamos um poema como “O cântico da terra” e notamos a relação simbiótica entre a terra e o lavrador, fica nítido o quanto precisamos muito mais da terra, dos minerais e dos vegetais do que eles de nós, humanos. Quanto à discussão a respeito da presença ou da ausência de alma, encontrar uma resposta objetiva para essa questão é uma necessidade humana diante dos fitoestudos, sendo, portanto, uma questão antropocêntrica. Se o objetivo da fitoliteratura é valorizar o reino vegetal e conferir a ele um espaço próprio na literatura, parece-nos dispensável procurar uma alma, pois se trata de uma terminologia existencialmente humana.

Mesmo à luz do reino vegetal para compreender o ser (humano) dentro das perspectivas do pertencimento e da transformação, fez-se necessário deslocar nosso olhar, colocarmo-nos no lugar da semente, da raiz, do fruto e da flor. Só assim foi possível a leitura de textos como “A gleba me transfigura” e “Meu epitáfio”, onde o eu lírico claramente se transforma no objeto do fazer poético: na própria terra e nas plantas que dela nascem.

É esse deslocamento que nos permite, diante de tantos textos literários e tantas

análises feitas anteriormente, buscar uma interpretação que transcende as necessidades humanas de nomear, classificar e categorizar. A vida das plantas é uma existência espontânea, sob o domínio da atmosfera e vinculada ao solo que as sustenta, ou ao mar, a depender da planta. Por ser espontânea, compreendê-la requer distanciar-se do eu humano para acessar a “corrente luminosa” que nos conecta a todas as formas de vida no planeta.

Dessa maneira, o vínculo gerado pela constatação de que todos pertencemos, sim, ao mesmo planeta e estamos, sim, partilhando os mesmos recursos e protagonizando relações simbióticas com todas as formas de vida, apresenta-se como um ponto de partida, uma nova possibilidade para pensar a existência neste planeta.

Sabidamente, a poeta Cora Coralina, a partir de suas próprias experiências, manteve uma relação amistosa com as demais formas de vida, coexistiu com elas, incentivou sua permanência. Então, retratou tudo isso em sua obra, cujo berço da poesia, do fazer poético, é sua própria vida e a de todos os seres que se entrelaçaram a ela.

Referências

ALLENDE, Isabel. *Longa pétala de mar*. Trad. Ivone Benedetti. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. 6. ed. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2015.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2011. p. 171-193.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 18. ed. São Paulo: Global, 2013.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 4. ed. São Paulo: Global, 1983.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Trad. Waldéa Barcellos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

INICIADOS, Três. *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia*. 31 reimpressão. São Paulo: Pensamento, 2019.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.